

Antologia de Versos Discretos

Apresentado por

Meu Lado Poético 



resumo

Entre Cortinas e Pele

Escultura do Desejo

No Rastro da Fome

Rastro de Prazer

Ritual de Mim em Ti

Pele em Chama

Ode ao Prazer — Reescrita

Pele de Brasa

Vol. V — Rastro de Vênus

Sede

Segredo da Pele

Vontade em Silêncio

Constelações em Tua Pele

Sussurro

Vol. I — Preliminares

Vol. II — O Beijo e a Entrega

Prece Ardente

Vol. III — O Orvalho e a Fome

Entre Cortinas e Pele

Na penumbra suave do quarto calado,
teu corpo se acende ? lume moldado.
Luz escorre na curva do teu ventre,
como se o sol morasse entre teus contornos.

O tecido te beija, tímido e tenso,
como se temesse o toque imenso
do meu olhar faminto, clandestino,
que navega tua pele, sem destino.

Teu seio, um sussurro à flor da pele,
convoca a minha boca, a minha sede.
E o ventre, morada de promessas quentes,
me chama sem dizer, mas me conhece.

Os fios do teu cabelo, marés douradas,
caem como véus sobre madrugada.
E ali, entre a porta e o espelho em silêncio,
te vejo ? mulher, desejo, incêndio.

Te desvendo com a ponta da vontade,
num toque que é quase liberdade.
E o mundo, ali, se desfaz inteiro,
quando meu amor te toma por inteiro.

Escultura do Desejo

Ela é poesia esculpida em curvas sutis,
Um corpo que guarda segredos febris.
Seus seios, colinas de suave esplendor,
Montes que inspiram o toque do amor.

Sua silhueta é um rio de linhas perfeitas,
Um traçado divino, em curvas estreitas.
Cada gesto é dança, convite ao sonhar,
Um sussurro ao tempo que faz tudo parar.

Ela é o calor de uma chama que arde,
O mistério da noite em sensualidade.
Presença que envolve, perfume que invade,
Desejo que vive na eterna verdade
@discretopoem

No Rastro da Fome

Tuas curvas me chamam antes do toque,
mas é quando meus dedos encontram teus seios
que a fome vira febre. Firmes, sensíveis, perfeitos ?
me encaixo entre eles como quem reza e morde.
Tua pele branca me enlouquece à luz baixa,
cada suspiro teu é um convite à perdição.
Minha boca desliza, beija, lambe, devora ?
não há parte tua que eu não queira com devoção.
Te vejo no espelho, entregue, arrepiada,
joelhos marcando o chão, olhos dizendo sim.
E eu, perdido na tua carne aberta,
me afundo no teu corpo como quem volta pra casa.

Rastro de Prazer

Em névoa morna teu vulto nasceu,
trazia na pele a fúria do cio.
Teus lábios ? sentença que me prendeu,
teu toque, um delírio sem alívio.
Teu corpo é altar, tua voz é feitiço,
no calor do teu riso, eu me desfaço.
Sigo teu rastro, selvagem e submisso,
cativo do gozo no teu abraço.

Ritual de Mim em Ti

Que teus dedos deslizem com a leveza do pecado,
na trilha quente da flor que pulsa ao meu chamado.
Que penses em mim ? duro, firme, à tua espera ?
como tocha erguida, entre sonhos e primavera.

Te imagino de olhos fechados, ventre em festa,
a respiração falha, a mão que não resta.
Que toques tua pele com meu nome entre os dentes,
e tua flor se abra, molhada e ardente.

Sente-me em cada deslizar, em cada espasmo lento,
como se meu falo habitasse teu pensamento.
No ápice, que teu corpo arqueie e reclame,
gozando meu nome, em silêncio e em chama.

Pele em Chama

Tentação que veste a noite em pele nua,
seios são colinas onde a luxúria flutua.
No vale entre eles, o delírio se insinua,
sussurrando promessas à carne que continua.
A boca ? um convite, mel rubro em chama,
abre em silêncio o verbo que o desejo proclama.
Lábios que roçam e queimam com calma,
devorando pecados, incendiando a alma.
E quando se deita, é furacão e brisa serena,
um corpo que dança entre o sagrado e a cena.
Pele que é poema, volúpia que não condena,
escrevo em seus contornos o meu gozo ? sem pena.

Ode ao Prazer — Reescrita

Reivindica teu prazer, antes que ele se dissipe,
Permite que eu seja teu cúmplice, teu farol, teu delírio.
Deixa-me dançar no templo secreto de teus quadris,
E desenhar na tua carne o mapa perfeito do êxtase.

Sob o balé incessante de teu corpo ondulante,
Sinto tua febre subir, queimar, incendiar meu ser.
Tu me provocas, me torturas, arqueada em desejo,
Montada em minha rigidez, és dona, senhora, tirana.

Suplico pelo veredito de nossos ritos profanos ?
És minha carcereira, possuidora de minha carne e razão.
Nossos corpos estremecem, à beira do colapso, da explosão.

Reclama de mim tua sede, tua luxúria, tua perdição,
Bebe sem pudor o néctar espesso do prazer que te ofereço.
No abismo das minhas emoções, faço morada ?
Ali, onde tu cometes, sem arrependimento, teu mais doce crime.

Pele de Brasa

Pele alva, feito neve que arde ao toque,
teus seios ? montes suaves, desejo em foco.
Desenham promessas sob o pano, em choque,
me embriagam, me laçam, me deixam louco.
Teus lábios vermelhos ? um convite lento,
têm gosto de pecado e vinho tinto.
E no silêncio morno do teu movimento,
a fantasia queima, e eu já me extinto.
Sussurras sem voz, só com teu olhar,
e minha vontade inteira se derrama.
Beijar-te é morrer... e logo ressuscitar,
no templo onde tua nudez me chama.

Vol. V — Rastro de Vênus

Há um fulgor que nasce no tecido negro,
onde a renda toca tua pele em brasa,
e a curva da tua bunda, com doce desassossego,
me conduz, silenciosa, à tua casa.
Teu andar é um verso que rebola o desejo,
cada passo escreve o meu fim num poema,
e eu, perdido entre os delírios que vejo,
me afogo nas formas que tua bunda tece em cena.
Ali, onde o sagrado e o carnal se unem,
meu olhar repousa, minha alma se rende,
pois há um altar entre tuas coxas que resume
o que é o amor quando a luxúria o entende.

Sede

No calor que degela, tua boca entreaberta convida o desejo que a distância não sacia.

Teus dedos ? meio carinho, meio convite ? desenharam o mapa de tudo que ainda não exploraste.

E há uma urgência doce sob a respiração apressada do teu peito, onde teu coração palpita como se soubesse que a pele também fala.

Me aproximo devagar, sem pressa, como quem aprende a decifrar com a língua o segredo que teu corpo sussurra na linguagem do gemido.

Segredo da Pele

Te percorro em silêncio,
como quem decifra um segredo
com a ponta dos lábios ?
cada suspiro teu, um mapa oculto.
Me perco nas entrelinhas do teu corpo,
onde a pele sussurra vontades
e os poros confessam pecados
que nem tua boca ousa dizer.
Desvendo-te sem pressa,
como quem saboreia um poema molhado ?
meus dedos escrevem teu nome
nas entrecortadas pausas do prazer.

Vontade em Silêncio

Teu olhar me prende sem tocar,
e esse decote discreto é armadilha ?
me excita o que insinua,
não o que entrega.

Teu corpo é chama guardada,
pecado que meus olhos cometem
em silêncio ?
proibido como um beijo jurado a outro.

Te desejo no intervalo do impossível,
entre a vontade e o não posso ?
e é nesse abismo
que tua beleza me devora.

Constelações em Tua Pele

Pelas curvas alvas do teu corpo inteiro,
pintas dançam feito constelações em pele,
galáxia viva no lençol primeiro,
onde minha língua traça e se revele.
Sob tua nuca, Ursa em sussurro arde,
me perco entre ombros, lombar e desejos,
cada sinal, um ponto que me guarde,
pra que eu me ache nos teus beijos.
Teu ventre guarda Orion em segredo,
me guio em toque, suor e loucura,
entre as coxas, céu em pleno enredo,
cometas gozam tua abertura.
És universo em carne e calor nu,
mapa de estrelas feito pra explorar,
em cada pinta, um convite ao tabu,
e em cada gozo, o cosmos a pulsar.

Sussurro

Disseste ao vento: *vem*, num tom proibido,
e teu prazer escorreu em silêncio quente ?
minhas mãos famintas leram teu gemido.
Beijei-te inteira, num culto irreverente,
tua pele era altar, tua língua oração,
teu corpo, em espasmos, fez-se continente.
Cavalgas meus sentidos, sem perdão ?
teus seios duros, tua boca em chama,
e eu, perdido em ti, sem redenção.

Vol. I — Preliminares

Teus olhos cobertos dissolvem o mundo,
mas tudo em ti desperta em claridade.
A pele se torna um mapa secreto,
meus dedos percorrem cada contorno.
O hálito quente na tua nuca acende,
o arrepio que sobe feito brasa discreta.
Minhas mãos repousam em teus ombros,
como promessa de algo que te toma.
Desço, lento, até a curva dos seios,
onde repousa teu pudor mais frágil.
Sopro leve, mordisco a ponta macia,
e sinto teu coração bater na palma.
No silêncio, teu corpo confessa segredos,
o rubor no peito, a respiração rarefeita.
És pura espera e desejo contido,
presa voluntária na minha devoção.

Vol. II — O Beijo e a Entrega

Beijo teus seios com calma faminta,
saboreio o contorno que endurece ao toque.
Minha língua dança na pele que implora,
e teus gemidos são prece que me invade.
As mãos te seguram pelo pulso rendido,
teu ventre arqueia em busca de mais.
Cada movimento é uma oferenda lenta,
cada suspiro, um hino de pura entrega.
Tua boca entreaberta solta tremores,
um rastro quente de respiração trêmula.
O véu negro te faz templo e miragem,
me faz querer perder-me inteiro em ti.
Teus quadris se erguem, suplicantes,
a ponta dos seios roça meu peito faminto.
Ali, tudo se torna chama contida,
teu corpo meu altar, minha loucura.

Prece Ardente

Te despes como quem oferece um segredo,
e meu olhar percorre cada poro que desperta.
Tua pele nua, lume que me deixa sem medo,
seios firmes, promessa incerta.
Deito-te sob mim, tua respiração entrecortada,
minhas mãos devassam teu ventre macio.
Tua coxa se abre, flor já orvalhada,
num convite ao desvario.
Minha língua explora teus contornos, febril,
do colo ao vale que geme ao meu toque.
Sinto teu corpo render-se ao perfil
do meu, encaixe que nada desboque.
Entre gemidos, nos tornamos chama,
num vaivém que te faz tremer inteira.
Quando teu gozo explode e te inflama,
é prece sagrada em noite derradeira.

Vol. III — O Orvalho e a Fome

Me ajoelho diante da tua fome velada,
o aroma da tua flor invade meu peito.
A língua explora a maciez orvalhada,
desenha círculos na carne que implora.
Teus quadris tremem, tão entregues,
a venda cobre teus olhos ? e te acende.
Minhas mãos te mantêm cativa,
enquanto bebo teus gemidos mais fundos.
O sabor de ti é mel e vertigem,
tua flor se abre, pulsando na boca.
Cada lambe é um suspiro partido,
cada estremecer, um convite sem volta.
Quando minha língua te encontra no centro,
teus gemidos viram súplica, rendição.
E sinto tua pele, teu sal, teu abismo,
me chamando a perder toda razão.